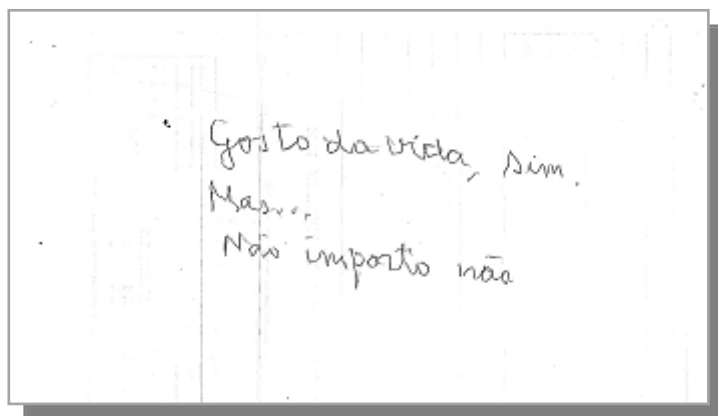


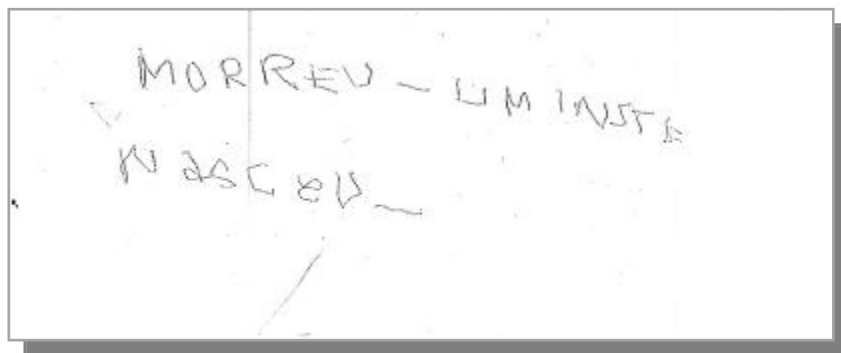
Um riso irônico na morte

Em 1968, ano em que teve mais esperança de retomar definitivamente a escrita, Lúcio Cardoso sofre o derrame fatal. Depois da necessidade de prová-la – confrontando-se com ela - a morte, finalmente, deu a ele o ar de sua Graça. No quarto do hospital, Maria Helena o observa sem vida: “Sentada, reparo seu rosto e percebo como que um sorriso irônico nos seus lábios, as pálpebras levemente entreabertas, um ar de alegria, de envolta com uma espécie de zombaria amiga” (CARDOSO MH, 1973, p.364). O que teria provocado aquele sorriso irônico? Para que ou quem ele foi esboçado? Será que a morte o surpreendera? Ainda não seria ela o ponto de basta?

Lúcio Cardoso viveu em constante reflexão sobre a idéia da morte, ele a rondou em vida e obra. E o limiar que enfrentou nos últimos anos foi, na verdade, uma aproximação mordaz dela, encarando sua possibilidade, indagando seus mistérios. “Depois de doente, quando brigamos ou quando se sente desanimado, ouço-o muitas vezes murmurar a palavra que mais depressa recuperou: ‘morrer’, ‘morrer’. Diz isto devagar, como quem recita um poema, enquanto os seus olhos se perdem num sonho” (p. 278). Decerto, essas investidas no assunto assustavam Maria Helena, que não queria admitir tal possibilidade, mas o escritor registrava nos papéis suas interrogações e hipóteses. Uma vez, escreveu para a irmã ao ser indagado sobre o medo de morrer:



(c.f. *Vida-Vida* p. 328).



(c.f. *Vida-Vida* p.262).

A impessoalidade, o fato de nunca se saber totalmente é, ao mesmo tempo, o que mais instiga e atormenta o ser humano e a morte é a última instância que lhe oferece uma suposta esperança de conhecimento pleno de si. “A morte que nos espera, é a mesma que nos acompanha, como a sombra estrangeira que divisamos na limpidez dos muros” (CARDOSO, 1970, p.15).

Ao mesmo tempo, apresentar-se à morte, em definitivo, seria apagar o mistério que impulsiona o espírito criador. O escritor parecia equilibrar-se nesta corda bamba, impulsionado pelo desejo de morte, vivendo a busca pela impossibilidade de morrer.

A morte trabalha conosco no mundo: poder que humaniza a natureza, que eleva à existência o ser, ela está em nós, como nossa parte mais humana; ela é morte apenas no mundo, o homem só a conhece porque ele é a morte por vir. Mas morrer é quebrar o mundo: é perder o homem, aniquilar o ser; portanto, é também perder a morte, perder o que nela e para mim fazia dela morte. Enquanto vivo, sou um homem mortal, mas, quando morro, cessando de ser um homem, cesso também de ser mortal, não sou mais capaz de morrer, e a morte que se anuncia me causa horror, porque a vejo tal como é: não mais morte, mas a impossibilidade de morrer (BLANCHOT, 1997, P. 324).

Nessa convivência conflituosa, construiu sua história artística estampando nos seus textos e telas esse jogo de forças interior. Lúcio Cardoso revela a importância desse Mistério a partir dos próprios seres atormentados que criara. Na apresentação de *A professora Hilda* ao seu público, ele confessa a respeito de seus personagens:

...o que neles me interessa, o que quis mostrar nos seus destinos atormentados, foi a força selvagem com que foram arrastados para longe da vida comum, sem apoio na esperança, sem fé numa outra vida, cegos e obstinados contra a presença do Mistério.

Pois o Mistério é a única realidade deste mundo. E, se dele temos grande necessidade, é para não morrer do conhecimento de nossos próprios limites, como as criaturas loucas e martirizadas a que tentei dar vida (CARDOSO, 1969, p.269).

A sua proposta de estar em movimento, sondando esses mistérios, procurando descobrir outros eus dentro de si, perscrutando sua própria impessoalidade é, de qualquer forma, rondar a possibilidade da morte que oferece a revelação daquilo que é impenetrável.

Se mudamos assim tão fundamentalmente é que nos aproximamos mais largamente da nossa essência. Neste minuto agora, para citar um exemplo, sinto-me extraordinariamente mais próximo de minha morte. E que é a morte senão a essência de todos nós? Perdemos tudo, transfiguramo-nos, e bons ou maus somos sempre outros, a fim de podermos atingir em verdade a morte que nos vive. (p.51)

A sua escrita a todo tempo testemunhou esse jogo. Por ser tão violenta e vigorosa experimentou a aproximação com a morte. Em sua escrita-corpo, a morte foi desenhando os contornos de sua permanência, porque ela só existe para quem ainda pode morrer. A escrita caminhava na velocidade desse devir, desse querer morrer. Nesse jogo, Lúcio desmonta a linguagem convencional num eterno refazer-se outro, *à procura de*. “O escritor é então aquele que escreve para morrer e é aquele que recebe o seu poder de escrever de uma relação antecipada com a morte” (BLANCHOT, 1987, p. 90).

Mas depois de seis anos de luta contra a impossibilidade física e a possibilidade de poder morrer, estampando-a na sua escrita em detritos e tensionando as telas com seu jogo de cores, o homem que sempre viveu à margem, como afirmou Cornélio Pena, parte para um outro tempo. E, nesse movimento, talvez tenha se dado conta de que escreveu para não morrer. “Escrever para não morrer, confiar-se à sobrevivência das obras, aí está o que ligaria o artista à sua tarefa” (BLANCHOT, 1987 p.91).

Pela escrita se experimenta a morte e é por ela também que não se morre. Por isso, seu riso irônico, talvez, seja para o leitor. Esse leitor que ficará na danação da falta de respostas e, pela falta, continuará num processo apaixonado de investigação da obra, morrendo aos poucos pelo caminho, mas que, ao entrar no jogo, procurará deixar também a sua própria assinatura.